"TORNAR-SE NEGRO" NA INFÂNCIA: OS DESDOBRAMENTOS DO RACISMO A PARTIR DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO CINEMA INFANTO-JUVENIL.

"BECOMING BLACK" IN CHILDHOOD: THE CONSEQUENCES OF RACISM BASED ON BLACK REPRESENTATION IN CHILDREN'S CINEMA.

"CONVERTIRSE EN NEGRO" EN LA INFANCIA: LAS CONSECUENCIAS DEL RACISMO A PARTIR DE LA REPRESENTACIÓN NEGRA EN EL CINE INFANTIL.

*Alice Soares Chaves**

*Mônica Eulália da Silva Januzzi***

RESUMO

No trabalho que se segue interrogamos o contexto da representatividade infantojuvenil da negritude no cinema e seus efeitos nos processos identitários de crianças e adolescentes. Para isso, exploramos a noção de "tornar-se negro", tal como é formalizado por Neusa Santos Souza e outros autores, a fim de permitir uma melhor compreensão de como este processo se estabelece na infância, a partir das relações que se constroem na construção identitária advinda da influência da representatividade negra no cinema infantojuvenil. Do ponto de vista metodológico, o artigo analisa as falas de cinco crianças e adolescentes negros sobre a temática proposta a partir de estratégias lúdicas construídas através do método da pesquisa-ação. Resulta deste artigo a constatação de que a negritude infantojuvenil tem sido invisibilizada e diminuída no âmbito de sua representatividade social, impactando em processos identitários de silenciamento e subalternização de suas identidades.

Palavras-chave: negritude; infantojuvenil; representatividade; identidade; cinema.

ABSTRACT

In this work, we interrogate the context of children's representation of blackness in cinema and its effects on the identity processes of children and adolescents. To this end, we explored the notion of

*Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

**Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), doutora e mestra em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), pós-doutora em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

"becoming black", as formalized by Neusa Santos Souza and other authors, in order to allow a better understanding of how this process is established in childhood, based on the relationships that are built in childhood. identity construction arising from the influence of black representation in children's cinema. From a methodological point of view, the article analyzes the statements of five black children and adolescents on the proposed theme based on playful strategies constructed through the action research method. This article results in the observation that the blackness of children and young people has been made invisible and diminished within the scope of their social representation, impacting on identity processes of silencing and subalternization of their identities.

Keywords: blackness; children and youth; representativeness; identity; movie theater.

RESUMEN

En el trabajo que sigue, interrogamos el contexto de la representación infantil de la negritud en el cine y sus efectos en los procesos de identidad de niños y adolescentes. Para ello, exploramos la noción de "volverse negro", formalizada por Neusa Santos Souza y otros autores, con el fin de permitir una mejor comprensión de cómo ese proceso se establece en la infancia, a partir de las relaciones que se construyen en la infancia. Construcción de identidad a partir de la influencia de la representación negra en el cine infantil. Desde un punto de vista metodológico, el artículo analiza los discursos de cinco niños y adolescentes negros sobre el tema propuesto a partir de estrategias lúdicas construidas a través del método de investigación-acción. Este artículo resulta en la observación de que la negritud de niños y jóvenes ha sido invisibilizada y disminuida en el ámbito de su representación social, impactando en procesos identitarios de silenciamiento y subalternización de sus identidades.

Palabras clave: negrura; infanto juvenil; representatividad; identidad; cine.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em um extrato da pesquisa intitulada "O protagonismo negro no cinema infantojuvenil e seus impactos no processo identitário de novas gerações", desenvolvida em 2023. Na

pesquisa, interrogamos o contexto da presença do/a negro/a no cenário cinematográfico, marcada por constantes variações entre ausência, estereotipagem, atuação coadjuvante e protagonismo, de modo a analisar como a influência desta variação impacta para a construção dos aspectos identitários infantojuvenis, em especial no contexto brasileiro. Nesta linhagem, compreendemos o cinema não como uma instituição neutra, mas como uma maneira de reverberar, no discurso social, os lugares, papéis e influenciar as narrativas construídas sobre os corpos, imagens e histórias.

Da escuta de crianças e adolescentes negros participantes da pesquisa, identificamos algumas temáticas que se delimitaram em torno da relação entre o protagonismo negro no cinema e o processo identitário que foi suscitado em cada um deles. Por meio dessa escuta, foram encontradas algumas temáticas comuns aos entrevistados, tais como: a relação com o cabelo como um forte componente identitário para meninas negras, a influência da escola e da família para a subjetivação da negritude e os desdobramentos do racismo na infância.

Neste artigo específico, nos propomos a explorar o processo de "tornar-se negro" na infância a partir dos achados da pesquisa. Por meio deste recorte, inicialmente, estruturamos o artigo de modo a apresentarmos a metodologia utilizada no presente estudo. Em seguida, apresentamos os resultados evidenciados, por intermédio de falas, reflexões e posicionamentos identitários das crianças e adolescentes participantes da pesquisa, em relação aos desdobramentos do racismo na infância, como forma de amplificar a compreensão do processo de "tornar-se negro". Na discussão proposta, elegemos dois eixos norteadores, sendo eles: uma breve descrição da trajetória histórica da pessoa negra no cinema, a fim de se discutir a importância da representatividade para a negritude infantojuvenil; e os processos de construção identitária da pessoa negra, a partir das particularidades marcadas pelo racismo na infância.

2 METODOLOGIA

Por meio de uma abordagem qualitativa dos dados em torno da temática da representatividade racial no cinema infantojuvenil, buscamos uma estratégia metodológica de pesquisa que pudesse funcionar de modo a estruturar o caminho necessário para responder o problema de pesquisa, mas, sobretudo, considerar a especificidade infanto-juvenil dos participantes. Neste sentido, pareceu-nos essencial escolhermos uma

metodologia que nos permitisse construir uma interação lúdica com as crianças e adolescentes selecionadas. Assim, utilizamos do método da pesquisa-ação, que visa não apenas compreender a situação que está sendo exposta, mas também, nela intervir (Severino, 2013). Paralelamente, utilizamos também do uso da revisão bibliográfica, a fim de delimitarmos produções científicas qualificadas que pudessem subsidiar a leitura e compreensão das questões teóricas que foram trazidas ao longo do estudo.

Foram selecionados por meio da técnica não probabilística da "bola de neve", *snowball* (Baldin; Munhoz, 2011), cinco crianças e adolescentes na faixa etária entre quatro e quatorze anos, que participaram do trabalho com o consentimento dos pais e/ou responsáveis, respeitando todas as diretrizes éticas da pesquisa com seres humanos previstas nas resoluções 466/12 (Brasil, 2012), 510/16 (Brasil, 2016) e 674/22 (Brasil, 2022). Neste sentido, todos os nomes de participantes utilizados nesta pesquisa são fictícios. Ouvimos e consideramos como condição para participar da pesquisa, o aceite de todos os participantes, independente de sua idade. Os critérios de inclusão da pesquisa foram definidos pela junção de dois fatores essenciais: que os participantes fossem negros e estivessem em uma faixa etária em que pudéssemos abarcar da infância ao início da adolescência, justificando, assim, a amplitude na faixa etária definida para a pesquisa. Além disso, foi importante garantir que os participantes fossem provenientes de diferentes classes sociais, com o intuito de trazer um critério comparativo que pudesse ser útil qualitativamente na análise dos dados.

Como técnica de coleta dos dados, foi utilizado a técnica da documentação, entendendo por documentação toda forma de registro e sistematização dos dados, colocando-os em condições de análise por parte do pesquisador (Severino, 2013). Para compor a documentação do estudo, propomos a realização de dinâmicas realizadas com os participantes da pesquisa, por meio da produção de sentido dialógico, presente no discurso das crianças e adolescentes. Como forma de contribuir na interação e melhor diálogo com a faixa etária em questão, propomos algumas estratégias lúdicas, tais como o convite à produção de desenhos acerca de personagens preferidos, encontrados no universo cinematográfico, utilizando para isso o uso de *cards* de alguns dos principais personagens negros que compõem o atual universo cinematográfico infantojuvenil. Os encontros foram realizados individualmente e em dias e horários distintos. A documentação da pesquisa também contou com registros de entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas, de modo a produzir

as informações e percepções em torno do que foi exposto na dinâmica dos desenhos.

A análise dos dados da pesquisa se deu por meio da categorização de respostas obtidas com as técnicas da metodologia descrita. Tal análise teve como intuito discorrer sobre os relatos alcançados no momento de coleta dos dados (seja em relação aos desenhos, à observação da dinâmica e às respostas no momento de entrevistas semiestruturadas).

3 RESULTADOS

Em primeiro lugar, foi acentuado no decorrer da pesquisa que o processo de se reconhecer enquanto pessoa negra perpassa por diversos caminhos, muitas vezes dolorosos. As autoras Bento e Carone (2002) compartilham em sua obra pesquisas que comprovam a dificuldade e a ambiguidade de sujeitos negros em torno de sua identidade étnica, quer pela vergonha de sua própria aparência, quer pela preferência por relacionamentos afetivos com brancos. Este conflito tem um forte impacto na construção da identidade de crianças negras, o que faz com que, muitas vezes, elas só reconheçam sua negritude após muitos anos de vida. Sendo assim, como um processo contínuo, a construção da identidade de pessoas negras envolve, entre tantos outros fatores, a experiência de resgate da sua história e da reconstrução das suas próprias potencialidades.

3.1. O racismo na infância e o processo de "tornar-se negro"

Em torno da temática identitária da negritude, a autora Neusa Santos Souza, em sua obra "Tornar-se negro" (2021), discorre sobre como ser negro não é uma condição dada, mas um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. Este processo vai muito além da constatação da própria cor, mas envolve uma aceitação diante dos traços que aproximam a pessoa de características da negritude, consequentemente as afastando do "ideal branco" - valorizado socialmente. Sobre essa descoberta, a teórica afirma:

> A descoberta de ser negra é mais do que a constatação do óbvio (...). Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades (Souza, 2021, p. 13).

Nesse sentido, compreendemos que este processo pode representar um caminho doloroso, visto que o sujeito busca uma aceitação do próprio

corpo sem nem ao menos contar com reforços do meio social, cultural, político e histórico no qual estamos envolvidos. É nesta perspectiva que trazemos sobre a importância da representatividade. A medida em que a pessoa negra passa a ser representada nas mídias por meio de um olhar positivo, são abertos novos espaços para que o "tornar-se negro" seja um processo vivenciado em meio ao acolhimento e à constatação de que existe beleza e potencialidades na negritude e em suas ancestralidades.

Sobre os impactos da representação nas mídias para o público infantojuvenil, o entrevistado Daniel (13 anos), compartilha que, apesar de ter como personagem favorito o Miles Morales – Homem Aranha negro –, ele também tem um afeto especial pelo Capitão América. Sua explicação em torno desse sentimento demonstra o efeito especular do cinema. O vínculo com o personagem manifesta algo de uma conexão produzida pela sétima arte, que o faz identificar algo com si próprio.

> Capitão América! Primeiramente eu tenho uma roupinha dele. Só faltava o escudo, mas OK. Ele é muito bom. Ele é que nem o Miles Morales, ele também lidera tudo, tipo eu no trabalho de escola, sou eu que tenho que fazer as coisas, criar documento... ele, como se diz, é o líder da Marvel.

No período da infância, as crianças vivenciam um intenso processo de compreensão das suas referências de valores, de comportamentos e de modos de agir no mundo. Essas referências aparecem na relação com a família, com a escola, com o mundo social e também com os personagens infantojuvenis. No que tange às referências produzidas pelo meio cultural, Hall (1997) elabora que a cultura é um dos maiores contribuintes que nos posiciona enquanto sujeitos. Segundo o autor, é a partir dos "sistemas classificatórios" encontrados na cultura que estamos inseridos, que nós definimos quem somos e quem podemos ser. O cinema, como uma importante manifestação da cultura, corrobora para que crianças e adolescentes amplifiquem as suas formas de se posicionar no mundo e de se constituir enquanto sujeitos.

Os impactos da representatividade no cinema também são evidenciados quando exploramos na entrevista quais características os entrevistados percebem que compartilham em comum com o personagem escolhido. Esses são alguns exemplos das respostas que tivemos: "Acho que a cor... minha cor com a dele que é a mesma. 'Nós é igual', né?" (Daniel, 13 anos); "Com certeza a cor! Nossa cor é bem parecida" (Manu, 9 anos).

Visando ampliar a discussão em torno da importância da representatividade para a construção identitária, foi questionado aos

entrevistados sobre os sentimentos vivenciados ao assistir ao personagem favorito pela primeira vez. As respostas, além de indicarem a potência do cinema para o processo de subjetivação dos participantes, também revelaram, mutuamente, dois dados importantes para a pesquisa: por um lado, existe uma percepção das crianças e dos adolescentes entrevistados em relação ao histórico de invisibilidade existente no cinema. Esta consciência indica que, ainda hoje, ver a negritude sendo representada ainda não é algo "comum" aos olhos dessas crianças e adolescentes. Por outro lado, o próprio processo de consciência em torno desta invisibilidade, somado a um olhar crítico vindo de pessoas com tão pouca idade, já indicam um caminho importante em relação à luta da negritude e do seu processo de empoderamento. Nunca na história se discutiu tanto sobre questões raciais, gerando debates que levam até mesmo as gerações mais novas a se incomodarem com a realidade que lhes foi imposta. O incômodo é importante pois, é justamente a partir dele, que a transformação se torna uma possibilidade real. Esse debate é exemplificado na fala do entrevistado Daniel:

> A primeira vez que eu vi esse filme aqui [Homem Aranha no Aranhaverso] eu percebi que fazia muito tempo que eu não via um personagem da minha cor no cinema que ia ficar tão famoso. O primeiro que eu vi foi esse aqui [aponta para o Pantera Negra]. Um dos únicos. E agora a gente tem o Miles Morales (Daniel, 13 anos).

Manu (9 anos) também traz a sua visão sobre os sentimentos provocados ao assistir "Moana", filme de 2016: "Ah, eu fiquei muito feliz, né? Porque quase não tem muito filme com pessoas negras, né? Então eu fiquei muito feliz. Me identifiquei". Apesar do sentimento de felicidade expressado pela entrevistada, é importante debater sobre uma problemática notável em meio às visões compartilhadas. Mesmo escolhendo personagens negros como seus favoritos e de maior identificação, tanto Manu quanto Daniel expressam que assistir a um personagem negro no cinema e ver o seu processo de popularização em meio a um protagonismo não lhes é algo comum. Teria uma criança branca o mesmo sentimento inusitado de felicidade ao ver um personagem com a sua cor em um filme infantojuvenil? Seriam os discursos de Manu, Daniel e tantas outras crianças o mesmo, se a negritude não tivesse sido invisibilizada e diminuída em sua história?

Esta ambiguidade presente na fala dos entrevistados, marcada pela felicidade em torno da identificação com o personagem e, ao mesmo tempo, pela constatação da inusitalidade da presença negra no cinema, também é algo que marca a subjetividade da negritude. Ao discutir a questão da ambivalência da representatividade negra, Hall et al. (2009) destaca em

seu trabalho o psiquiatra negro Fanon (2008), que em seu livro "Pele negra, máscaras brancas", se refere às representações da pessoa negra como algo marcado por uma dupla natureza e por profundas ambivalências, uma vez que o autor percebe que os negros são simultaneamente representados com traços que se contradizem. Ele é leal, mas também não é confiável. É preguiçoso, mas também é um trabalhador servinte. Esta ambiguidade descrita pelo autor também se mostra na relação entre presença e ausência no cinema: existe um sentimento de alegria diante das últimas grandes representações da negritude nas mídias, mas é uma alegria inusitada, que passa pelo caminho do inabitual, pelo fato de pessoas negras não estarem acostumadas a se verem em um lugar de protagonismo.

Por outro lado, o fato de que crianças e adolescentes estão falando sobre essa invisibilidade também nos indica um caminho positivo. Por muito tempo, a ausência de pessoas negras no cinema e em tantos outros espaços que lhes eram negados foi tratada de modo natural, como se as coisas precisassem funcionar de acordo com a estrutura ditada pela branquitude. Um dos lados mais perversos do racismo é fazer com que pessoas negras realmente sintam que não podem ocupar esses espaços, que são inferiores, que a sua cultura não merece ser retratada por meio de um olhar de quem a vivencia. Ao escolherem personagens pretos como seus favoritos e trazerem a percepção de um histórico de invisibilidade, as crianças negras das novas gerações demonstram não se acomodar com o lugar de segundo plano. Santos (2013), em seus estudos sobre a importância de um cinema negro, defende que uma das razões para o aumento das produções que colocam a negritude em um lugar de protagonismo é justamente a "reinvidicação identitária de pessoas e organizações sociais preocupadas com a questão racial brasileira" (p. 104). O autor também traz que o próprio sistema capitalista de consumo também tem indicado para este aumento, a partir do momento em que existe a constatação de um público interessado em consumir um cinema negro. Isso se associa, inclusive, ao aumento do poder aquisitivo e social da negritude nas últimas décadas, o que corrobora para um aumento de demanda do que Santos (2013) chama de "afromídia" - o que envolve desde cosméticos e alimentos até expressões culturais como o cinema. Essa discussão coloca em vigor um debate sobre a realidade da negritude na sociedade atualmente, trazendo um incômodo que passa pela maneira como as pessoas negras estão sendo representadas e pela necessidade de uma maior recorrência desta representação. A própria nomeação deste problema já se faz importante para uma transformação social, pois como

defendido por Ribeiro (2017): "se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível" (p. 41).

Neste caminho de luta por maior representatividade, falas como a de Arthur (14 anos) se fazem muito relevantes: "O que me provocou é que eu queria ser quase igual a ele [o Pantera Negra]. Ter a mesma roupa e ser quase ele mesmo". Em uma sociedade que leva pessoas negras a odiarem os seus próprios corpos, a expressão de desejo do entrevistado de ser mais parecido com um protagonista preto do cinema é um ato revolucionário. O mesmo acontece na fala de Olívia (12 anos): "Me provocou, assim, muita felicidade, sabe? Por as pessoas negras estarem sendo mais bem representadas, tanto no cinema quanto na vida real, então me provocou um sentimento de alegria".

3.2. A influência do ambiente escolar e familiar para a subjetivação da negritude

Podemos dizer que a escola e a família são instituições sociais com forte impacto no processo identitário. Por meio das falas obtidas nas entrevistas, vimos também a grande influência que esses meios possuem nos conteúdos midiáticos que são consumidos pelas crianças. Todos os entrevistados mencionaram a família ou a escola como a fonte que possibilitou que eles conhecessem os personagens mencionados nas entrevistas. Os seguintes relatos contribuem para a visualização dessa influência: "Eles mostraram a propaganda do filme na televisão e um dia eu, meu pai e minha mãe estávamos na sala e a gente estava assistindo" (Arthur, 14 anos);

> Amigos da escola! Eu não tava sabendo que ia ter esse filme. Eu fiquei sabendo que ia ter o primeiro, mas o segundo eu não tava sabendo. Aí, depois que me contaram, acho que foi umas duas semanas depois da estreia, eu fui ver com meu pai (Daniel, 13 anos).

O ambiente familiar pode ser visto como a primeira instituição social com a qual a criança terá contato, sendo este meio responsável por repassar ao indivíduo os seus primeiros valores e crenças, fazendo com que seja criada uma grande influência na maneira como a criança irá construir a sua própria identidade. Também é no meio familiar que as crianças encontram suas primeiras referências e inspirações, como pode ser visto na fala de Daniel:

> "Meu pai ele ia escolher o Pantera Negra. Combina bem com ele, pessoa legal, trabalhadora, porque no filme ele trabalha muito pra conseguir os objetivos que ele

quer, e meu pai também trabalha muito e eu tenho muito orgulho de ter ele como o meu pai".

Nesta fala, podemos ver como o cinema infantojuvenil atua não apenas como um "espelho" de características das próprias crianças, mas também como um meio de identificação dos valores que são encontrados nas pessoas que elas têm como figura de referência, de autoridade.

Figura I



Outro aspecto que também possui forte influência do meio familiar é a autoimagem desenvolvida pelas crianças e adolescentes. Se tratando de crianças negras, a forma como a família se porta e se sente diante da negritude também tem grande impacto na maneira como a criança irá criar suas primeiras relações com os seus traços e a sua aparência física. Olívia (12 anos) comenta que assistiu ao filme de sua personagem favorita - Ariel, de "A Pequena Sereia" (2023) - em um momento familiar: "Eu descobri o filme pela internet mesmo, e aí a gente [a família] foi ver ele bem no dia do lançamento mesmo! Isso foi bem legal". Neste relato, é possível observar que a entrevistada viveu, em família, a experiência de assistir a um filme que se espalhou popularmente pelo impacto de sua representatividade, ao colocar uma grande princesa negra em um lugar de protagonismo. Entretanto, algumas famílias ainda vivenciam a dificuldade de aceitação diante da própria negritude e ancestralidade, fazendo com que este sentimento de rejeição seja passado, de alguma maneira, aos descendentes. O relato de uma das entrevistadas de Souza (2021, p. 37) contribui para demonstrar os danos que este "auto-ódio", passado de geração para geração, pode ter na autoimagem desenvolvida pela criança:

Contam que [quando eu era pequena] eu falava muito sozinha, tinha amigos invisíveis, falava na frente do espelho. Era uma sensação de me reconhecer, de identidade

> minha, de me sentir; falava comigo mesma, me achava feia, me identificava como uma menina negra, diferente. Não tinha nenhuma menina como eu. Todas as meninas tinham o cabelo liso, nariz fino. Minha mãe mandava botar pregador de roupa no nariz pra ficar menos chato [...]. Um dia eu me percebi com medo de mim no espelho, e um dia tive uma crise de pavor, e foi terrível. Fiquei um tempo grande assim: não podia me olhar no espelho, com medo de reviver aquela sensação.

Isso gera um debate ainda maior quando o que está em análise são famílias inter-raciais, como apresentado por Souza (2021, p. 52): "Minha mãe dizia: 'você é um negro'. Dizia isto me sacudindo… para mostrar que eu não era da mesma origem dela". Nesse exemplo, a experiência de viver a rejeição dos próprios traços é ainda maior, a partir do momento em que o indivíduo é colocado em um lugar de diferente, inferior e subalterno.

Diante do exposto, é possível dizer que a família pode atuar tanto positivamente quanto de modo negativo no processo de subjetivação de crianças negras. Faz-se relevante dizer que, para que este impacto ocorra de forma positiva, é importante que famílias negras resgatem um valor sobre si próprias e sobre as raízes de seu povo, transformando o sentimento de inferioridade em uma exaltação aos traços da negritude. Para isso, filmes infantojuvenis e outros conteúdos midiáticos que colocam pessoas negras em um lugar de protagonismo, além de contribuírem para esse sentimento de "exaltação", podem ser de imenso valor para um diálogo com as crianças.

No que tange ao impacto do ambiente escolar no processo identitário de crianças e adolescentes negros, é importante vislumbrar esse espaço não apenas como um meio onde aprendemos e compartilhamos conteúdos escolares, mas também como uma importante fonte de compartilhamento de crenças, valores e, inclusive, preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade (Gomes, 2002). Enquanto a família é responsável por passar à criança os seus primeiros valores, impactando em sua maneira de vivenciar o mundo, a escola é o ambiente que fornece um primeiro contato com a diversidade, levando a criança a constatar que existem outras maneiras de pensar, de agir e de existir, além das que foram internalizadas por ela. Além desta constatação, há também um olhar mais ampliado para a diversidade física e estética. É nesse momento que as crianças podem passar a ter maior atenção e curiosidade em torno de seus próprios traços, muitas vezes incentivadas pela comparação ao outro. Menezes (2003) defende que o ambiente escolar, ao proporcionar essa interação diversificada, pode fazer com que a escola se torne o primeiro lugar de conflitos raciais. Nesta linhagem, é importante considerar que a maneira como o sujeito

irá vivenciar esses conflitos está diretamente ligada à sua ancestralidade e à sua aparência física. Tendo isso em vista, Abramowicz e Oliveira (2012, como citado em Oliveira, 2022) sinalizam que, desde cedo, as condições sociais das crianças negras e das brancas são distintas no espaço escolar, nos quais a rejeição e estereotipação da criança negra (por adultos e outras crianças) produzem um impacto direto na percepção negativa que crianças negras constroem de sua autoimagem.

Gomes (2002) defende que o ambiente escolar representa o primeiro contato da negritude com a experiência pública de rejeição do corpo, justamente ao proporcionar uma abertura para uma vida social muito mais ampla do que aquela vivenciada até então, com a família e com amigos mais íntimos. Como defendido pela autora: "Uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos" (Gomes, 2002, p. 45).

Além de analisarmos o impacto da ampliação social para a pessoa negra no ambiente escolar, também é importante um olhar crítico para o próprio processo educacional, que ainda é guiado por um olhar eurocentrista. Em um país em que a negritude ocupa 56% da população, a história da África e dos africanos sequer é mencionada nas escolas brasileiras. A representação do corpo negro é tratada pelo viés dos processos de escravização, ao representar um corpo açoitado e submisso. Inúmeras vezes, crianças e adolescentes negros, ao estudarem a questão racial, não são confrontadas com a visão antagônica entre colonizador e colonizado. Esses questionamentos se fazem ainda mais relevantes quando damos voz a relatos de pessoas que observam o sistema educacional brasileiro na prática, como exposto por um entrevistado na reportagem de Santos (2023):

> Boa parte do que eles [meus filhos] sabem hoje, souberam por mim. Na escola, aprenderam pouco sobre a história dos negros brasileiros e, quando aprenderam, foi naquela narrativa de quase como se os africanos escravizados tivessem vindo para o Brasil por vontade própria, e depois tivessem sido libertos por boa vontade dos colonizadores (Akilah Jelani, pai de dois estudantes de São Paulo).

No Brasil, ainda existe um ideal teórico de ensino da cultura negra nas escolas, por meio da Lei 10.639, que completou 20 anos em 2023 (Santos, 2023). Entretanto, segundo os dados do Censo Escolar, realizado em 2015 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 24% das escolas não têm projetos que abordem temáticas raciais, o que corresponde a aproximadamente 12 mil escolas das 52 mil

participantes da pesquisa (Oliveira, 2022). Dados como esses reforçam a importância de o meio educacional brasileiro, em toda a sua amplitude, se adequar na prática ao que já se encontra na teoria da nossa Constituição.

3.3. O desdobramento do racismo na infância e o impacto sociocultural no olhar para as relações inter-raciais

Para a análise das entrevistas realizadas, um último ponto requer atenção: um olhar para o discurso de igualdade racial que aparece nas falas de algumas das crianças e adolescentes entrevistados. Tornou-se perceptível que, principalmente entre os entrevistados mais velhos, existe uma narrativa que ainda não se atenta para a desigualdade racial existente na sociedade. Tais falas, marcadas por certo sentimento de pureza e inocência, nos levaram a ampliar a discussão em torno do surgimento do racismo, de modo a analisar como o preconceito e a desigualdade entre raças aparece na infância. O relato de Arthur (14 anos) demonstra a presença de um maior senso de igualdade entre as pessoas, evidenciando a necessidade da expressão de um discurso caracterizado por uma forte noção de justiça e igualitariedade:

> Meu pensamento em desenhar [O "Pantera Negra"] foi representar a defesa, que tanto negro quanto branco eles podem ter o mesmo emprego, a mesma condição de vida, sempre as mesmas coisas. E todos eles sempre se discordam às vezes, mas eles sempre acabam sendo unidos, pois na verdade eles sempre estão juntos. E que nenhum deles é diferente, todos são iguais.

Figura 2



De acordo com Bezerra, Fernandes e Santos (2018), as crianças se tornam cientes das diferenças intergrupais e exogrupais desde muito cedo, mas o preconceito emerge lentamente durante a infância e adolescência, junto a outras questões como moralidade, igualdade e compreensão de justiça. As autoras ainda apontam, por meio de um trabalho com 76 pessoas de 7 a 12 anos, que as crianças apresentaram baixa adesão ao racismo. No discurso de Arthur (14 anos), os sentimentos de igualdade e justiça aparecem com muita clareza, o que demonstra como o adolescente se porta de modo contrário à percepção racista que divide o meio social:

> Tanto branco quanto negro não podem se discordar de que um pode fazer uma coisa e o outro não pode, pois eles podem fazer as mesmas coisas. (...) e também todos eles podem ser iguais nas questões de saúde, de emprego e de família.

Sobre a presença desse tom igualitário na fala do adolescente, Almeida, Fernandes, Nascimento (2008) alegam que o racismo é estreitamente vinculado à aprendizagem social. Nesta lógica, as entrevistas corroboram com a ideia de que as crianças não nascem racistas, mas que têm este sentimento desenvolvido ao longo da trajetória, por meio da interação social e da educação.

Entretanto, isso não significa que a infância seja um período isento de racismo e preconceito. Tais formas de discriminação também aparecem em crianças, principalmente entre aquelas que apresentam pouca exposição à diversidade multicultural. Alguns estudos, inclusive, contribuem para essa tese: Almeida, Fernandes, Nascimento (2008), ao realizarem uma dinâmica que sugeriu que crianças de 5 a 8 anos desenhassem uma pessoa negra e uma branca, concluíram em seus resultados um forte índice de favoritismo ao alvo branco, por meio de frases como: "Cabelo bonito é de branca" ou "A branca é mais rica por ter uma casa grande". As autoras ainda ressaltam que a expressão do racismo se influencia pelo modo como a sociedade em que o indivíduo está inserido se manifesta em relação à discriminação. Em países em que o preconceito é emitido de maneira mais velada, é possível perceber que as crianças não expressam o preconceito racial de forma aberta. É nesse sentido que as autoras defendem que o racismo não está sendo reduzido entre as novas gerações, ele apenas acontece de modo mais camuflado, a partir do momento em que ser preconceituoso se tornou aversivo.

Este ponto é sustentado pelos estudos de França e Monteiro (2004), que apontam que, a partir dos oito anos de idade, as tendências preconceituosas entre crianças passam a diminuir, em função da aprendizagem de normas

anti-racistas na sociedade, que fazem com que o preconceito seja expressado de forma indireta. Camino et al. (1996) também defendem que crianças mais velhas apresentam um maior nível de empatia, muito associado ao desenvolvimento e à aprendizagem do que é socialmente valorizado. Dessa maneira, é possível perceber o quanto o desdobramento do racismo na infância está atrelado a como a sociedade se porta, o que traz um impacto social ainda maior para as principais instituições responsáveis pelo processo de aprendizagem da criança - a exemplo da escola, da família e dos meios socioculturais, como o cinema.

Nas entrevistas realizadas, as respostas obtidas também ampliaram nosso olhar em torno da expressão, pelas crianças e adolescentes, de um desejo marcado pela união e pela convivência pacífica entre brancos e negros - o que foi além do sentimento de igualdade. A fala de Olívia (12 anos) exemplifica este ponto:

> (...) E uma das coisas que eu gostei muito nesse filme ["A Pequena Sereia", de 2023] é que tinha lá o mundo dos humanos e o mundo das sereias. E, é... deu pra ver que dava pra ficar junto, sabe? Então isso pra mim foi muito dessa questão. De pretos conviverem com brancos e tipo, poder ficar tudo bem.

O mesmo discurso se faz presente na fala de Arthur (14 anos): "Eu quis representar que todos eles são unidos e permanecerão unidos… mesmo que às vezes eles se discordem". Esta discussão demonstra que o cinema, ao expor protagonistas negros em convivência com pessoas brancas, produz nas crianças uma atenção à essa pacificidade relacional. Isso comprova o impacto da fantasia para algo que vai ainda além da representatividade: o cinema tem participação na maneira como crianças e adolescentes criarão o seu olhar para as estruturas raciais socialmente construídas e para a relação entre brancos e negros. Fatores como esses fornecem ao cinema uma responsabilidade ainda maior em torno das narrativas que serão criadas e popularizadas entre os infantos, uma vez que, como expressado pelo ditado popular: no cinema, "a arte imita a vida e a vida imita a arte".

4 DISCUSSÃO

É importante destacar que as respostas emitidas pelas crianças no decorrer do estudo provêm de um contexto que as trouxe até o momento atual - quando, finalmente, é possível que personagens negros sejam mencionados como os favoritos da grande maioria dos entrevistados. É importante que a trajetória dessa representatividade seja mencionada em nossa discussão, como forma de debater os avanços em torno dos

espaços ocupados pela negritude no cenário do cinema infantojuvenil e compreender como esses progressos têm impactado na construção identitária da pessoa negra, a partir das particularidades marcadas pelo racismo na infância.

4.1. A negritude no cinema: trajetória de uma representatividade silenciada

Para compreender o espaço da negritude no cinema, é importante lembrar que essa indústria se iniciou de forma muito restrita. O domínio tecnológico exigido para essa arte podia ser suportado apenas por empresas e famílias ricas, em um contexto de estrutura comercial e industrial majoritariamente branco (Dornelles, 2019). Nesse cenário, as vivências dignas de olhar e complexificação eram voltadas apenas para o contexto europeu ocidental, e até mesmo quando outros países fora desse eixo eram retratados, isso era feito por meio de uma visão eurocentrista.

Até hoje, são poucas as possibilidades de retratação da negritude que não aconteçam pelo olhar branco. Este domínio é problemático pois, como exposto por Piza (1998), é comum que no discurso dos brancos exista certo silenciamento sobre a existência do outro, principalmente diante de um desconforto da branquitude ao precisar abordar assuntos raciais. É importante considerar que a invisibilidade vista no cinema não se restringe a esse contexto. Até mesmo nas escolas, a própria história da negritude costuma ser contada por um viés eurocêntrico. Muitas vezes, o silêncio em torno de questões raciais é tão grande que não é permitido que pessoas negras tenham voz, nem mesmo, sobre suas próprias histórias.

Assim como o universo cinematográfico teve o seu início pautado por um domínio da branquitude na produção e direção dos filmes, este domínio também foi visto na maneira como os personagens eram representados nas obras. Personagens negros, quando não eram invisíveis, ocupavam no cinema um papel praticamente visual, ou seja, quando apareciam, não era em um intuito de serem incluídos nos diálogos e no núcleo central das tramas. Muitas vezes, era apenas para compor um cenário bastante associado à primitividade e ruralidade. No universo infantojuvenil, principalmente com o advento dos filmes de animação, o tempo de tela de personagens negros era praticamente nulo. Como afirmado por Mazzara (1999, p. 14): "Falar sobre este grupo, em muitos casos, significa dar significado a silêncios".

Além da invisibilidade, o que marca o início da representação de

personagens negros no cinema e que nos aponta um caminho ainda mais importante a ser analisado socialmente, é a quantidade de estereótipos presentes nos filmes. No pouco tempo de tela que pessoas negras assumiam, elas eram tratadas, com recorrência, por meio de um tom vexatório e cômico. Mazzara (1999) afirma que, longe de o cinema produzir uma representação neutra e meramente facilitadora, ele contribuiu para a manifestação do preconceito ao sustentar e perpetuar uma imagem negativa a respeito de um determinado grupo.

O domínio do olhar eurocêntrico nessas produções fez com que os filmes passassem a mensagem de que outras raças e culturas diferentes da cultura branca são inferiores e ignorantes, além de sugerirem que as hierarquias baseadas em classes sociais são naturais (Giroux, 2001). Isso se refletiu em um processo de racismo, muitas vezes explícito, como é observado no filme infantojuvenil "A Canção Sul", de 1946. Nesta obra, existem vários personagens negros, mas todos assumindo um papel de "criados", enquanto há uma elite branca protagonizando o filme e que recebe a servidão e o "auxílio" das pessoas negras. Além disso, esta obra ilustra o silenciamento da negritude para falar sobre suas próprias dores. No filme, que tem seu contexto se passando logo após a abolição da escravatura nos Estados Unidos, os personagens negros são retratados como pessoas felizes, unidas e orgulhosas de estarem ali para servir. Enquanto a realidade é retratada dessa forma por meio de um olhar eurocêntrico, sabemos que na perspectiva da negritude este foi um processo imensamente doloroso e que deixa suas marcas até os tempos atuais, principalmente nas relações de poder e no intenso preconceito que nos permeia socialmente. Seguindo este pensamento, Bento e Carone (2002) discorrem em seus estudos sobre a relação dialógica que existe nas discussões raciais: por um lado, temos um grupo estigmatizado como perdedor e uma omissão diante da violência que o atinge; por outro, temos um silêncio suspeito em torno do grupo que pratica a violência racial e dela se beneficia, concreta ou simbolicamente.

Dornelles (2019), ao fazer um estudo sobre a representação negra nas animações mainstream, sinaliza que, por um lado, paletas claras e traços arredondados sinalizavam os protagonistas das animações; por outro, construções escuras e traços pontiagudos se consolidaram como arquétipos para figuras vilanescas. Ainda de acordo com Dornelles, grande parte das representações da negritude eram feitas por meio do humor, da superstição, da preguiça ou dos vícios, o que já era comum no universo teatral. No surgimento das primeiras obras cinematográficas, o cinema

ainda herdou o blackface, prática que se relaciona a pintar o rosto de preto e imitar, de forma estereotipada, movimentos e hábitos negros. Como exemplo desses estereótipos, que hora aparecem de maneira explícita, hora de modo mais implícito, Santos (2018) também menciona a grande obra "O Rei Leão" (1994), que tem a família real representada por meio de sotaques e modos britânicos, enquanto as hienas abobalhadas carregam os sotaques dos negros.

O fortalecimento desses estereótipos corrobora para a criação do que Erving Goffman trabalhou em seu conceito de "estigma". Segundo o sociólogo, a sociedade contribui para a categorização de pessoas por meio de atributos que são considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias (Goffman, 1963). Sendo assim, a cada vez que uma pessoa negra é retratada de forma estereotipada nos meios cinematográficos e em tantos outros contextos, são criados estigmas em torno dessas pessoas. Dessa forma, elas são colocadas em "categorias sociais" que reforçam pontos que as afastam, cada vez mais, de sua própria individualidade. Além disso, Goffman defende que a criação desses estigmas pode fazer com que pessoas negras se sintam isoladas em seu próprio meio social, visto que os traços que foram estereotipados podem provocar, muitas vezes, o afastamento de outras pessoas, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos do indivíduo, que vão além do que foi estigmatizado.

No contexto do cinema nacional, a representação de personagens negros não foge do frequente processo de invisibilidade, o que mostra uma grande contradição com a realidade da nossa população, visto que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que 56,1% dos brasileiros são negros. Essa discrepância se fez tão presente que Silva (2005) introduziu o termo "taxa de branquidade" para denunciar o desproporcional número de personagens brancos para cada personagem negro encontrado nos produtos midiáticos nacionais, como exposto na obra de Santos (2018).

Outro movimento marcante no cenário nacional foi o manifesto "Dogma Feijoada", escrito pelo cineasta Jeferson De (2005), que marcou um dos mais importantes momentos de incentivo da presença da negritude no cinema nacional. Nesse manifesto, além de criticar a recorrência dos papéis estereotipados, o movimento também propôs o aumento de produções realizadas por diretores/as negros/as, para que a temática racial pudesse ser retratada pelo olhar de quem vivencia esta realidade diariamente (Oliveira, 2022). O objetivo do manifesto era aumentar a produção de

filmes realizados por diretores negros brasileiros e centrados na temática racial, desenvolvendo um conceito de "cinema negro brasileiro" com alguns mandamentos fundamentais, sinalizados por Oliveira em sua obra. Entre esses mandamentos, se encontram as exigências de uma direção negra e a retratação da cultura negra brasileira, privilegiando o negro comum (ao evitar estereótipos e "super heróis"), além de reforçar a importância de um protagonismo negro nessas obras.

Isso posto, mencionar este protagonismo (ou a ausência dele) é de suma importância para se compreender o espaço que pessoas negras foram colocadas no universo midiático. Mesmo quando passou a ser mais representada no cinema, a negritude ocupou um lugar de coadjuvante. Com o passar dos anos, tornou-se mais comum a presença de pessoas negras nas telas, mas sempre ocupando uma função narrativa de auxílio ao branco protagonista. Santos (2018) aponta que personagens negros aparecem, recorrentemente, na função de "*sidekick*" (companheiro do personagem principal), que muitas vezes aconselha, apoia, mas nunca ofusca o protagonista. Este pensamento remete ao que Bento e Carone (2002) produzem a respeito da subserviência negra. As autoras apontam que a negritude é recorrentemente apresentada por meio da cordialidade e das relações de servidão, silenciando as violências sofridas pelos negros e naturalizando um processo de invisibilidade. O fato de pessoas negras demorarem tanto tempo para conseguir ocupar um espaço de protagonismo é um reflexo muito forte da dificuldade de essas pessoas serem vistas, ouvidas e, acima de tudo, representadas por meio de suas próprias vozes e histórias.

Levando em conta esse histórico, é positivo observar que nos últimos 5 anos o cinema infantojuvenil contou com um avanço muito grande na representação de pessoas negras – não apenas como coadjuvantes, mas alcançando um verdadeiro espaço de protagonismo. Filmes como "Pantera Negra" (2018), "Homem Aranha: através do aranhaverso" (2023) e o recente *live action* de "A Pequena Sereia" (2023) mostram um fenômeno raramente visto na história: elencos majoritariamente negros. Entre os avanços que a contemporaneidade nos trouxe, podemos mencionar uma maior visibilidade para que grupos minoritários possam protestar por seus espaços e pelo domínio de suas narrativas. Mesmo que ainda tenha muito a ser feito para que pessoas negras ocupem as mesmas condições no contexto cinematográfico, este cenário já pode ser visto em meio a mudanças positivas e relevantes.

4.2. Representatividade nos tempos atuais: o cinema como um espaço de revolução social

Analisar a história da presença da negritude no cinema infantojuvenil se faz ainda mais importante quando consideramos que os personagens de cinema têm um grande impacto no processo de formação de identidade de crianças negras, a partir do momento em que estes personagens sinalizam características físicas e comportamentais que podem gerar um processo de identificação. Ao falar em identidade, é preciso considerar que a subjetivação dos negros brasileiros tende a ser marcada pelo racismo, pois eles estão em uma sociedade que coloca o branco como ideal de beleza, razão e humanidade, sempre a partir do julgamento do outro, branco (Santos, 2018).

Este "padrão branco" no cinema, como foi exposto historicamente, provoca um impacto na vida de pessoas negras desde muito cedo. No período de desenvolvimento infantil, é notável que crianças e jovens utilizam do lúdico e da imaginação para se representarem por meio de personagens. Muitas vezes, esses personagens são tidos como referências para as crianças, que desejam ser cada vez mais semelhantes aos grandes protagonistas do cinema. Nesse contexto, crianças negras já se encontram, desde cedo, em um conflito: a ausência de protagonistas que se assemelham a elas faz com que o processo de identificação em um personagem seja marcado por indagações e questionamentos que colocam em cheque seu lugar social: "Será possível existir uma princesa negra?"; "Posso ser um super herói, se não sou branco?". Esse pensamento pode ser justificado pelos estudos de Quijano (2005), que ao discorrer sobre os impactos da colonialidade na identidade da pessoa não branca, afirma que, no momento em que os colonizadores estabeleceram relações sociais por meio da dominação, foram impostas hierarquias, lugares e papéis correspondentes, que passaram a ser muito guiados pela raça. Com isso, os povos conquistados e dominados foram postos em um lugar de inferioridade, junto aos seus traços fenotípicos, descobertas mentais e culturais.

Esses questionamentos começam a se alterar a partir do momento em que o cinema passa a oferecer um espaço de representação diversa da negritude. Com o decorrer dos anos, já é possível que crianças negras possam se identificar com personagens semelhantes a elas – não apenas em comportamentos, mas também, em características físicas. Crianças que, por muito tempo, não se viam representadas nas telas do cinema, passaram a ver suas potências sendo ilustradas por meio da arte. Isso

marca uma revolução muito importante a partir do momento em que, como afirmado por Bento e Carone (2002, p.29): "A imagem que temos de nós próprios encontra-se vinculada à imagem que temos do nosso grupo". O protagonismo de personagens negros sendo retratados de modo positivo e real possibilita que crianças negras sintam orgulho de suas próprias características, influenciando positivamente em seu processo de identidade e subjetividade.

O impacto dessa representatividade se torna ainda mais notável ao analisar reações de crianças negras às últimas obras que colocam a negritude em um lugar de protagonismo. A reportagem de Gouveia (2022), por exemplo, divulga a emoção de várias meninas negras ao verem a escolha da atriz Halle Bailey para protagonizar o recente "A Pequena Sereia". Frases como: "Ela é preta!", "Ela é marrom igual a mim!" demonstram que, desde cedo, crianças procuram por caminhos de referências que possam percorrer para o seu próprio processo de identificação. O sentimento de surpresa de meninas negras mediante a esta protagonista também se torna um objeto de análise: o "espanto" pela existência de uma princesa negra indica que este protagonismo ainda é incomum.

Outra reportagem, dessa vez de Queiroga (2018), reforça que o impacto de jovens negros se verem como parte protagonista no meio cinematográfico produz um sentimento de identificação e mobilização muito forte. Na reportagem, é exposta a história de uma jovem da comunidade que arrecadou socialmente diversos ingressos para levar mais de 200 crianças negras à uma sessão de "Pantera Negra" no cinema. Gestos como estes demonstram que, para muito além de uma forma de entretenimento, o cinema também ocupa um espaço de revolução social que precisa ser melhor potencializado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que os discursos dos participantes da pesquisa indicam que a negritude infantojuvenil tem sido invisibilizada e diminuída no âmbito de sua representatividade social. Apesar de, nos dias atuais, os entrevistados já poderem se espelhar em grandes personagens negros do cinema, essas crianças e adolescentes não saem ilesas dos muitos anos de apagamento das narrativas e histórias da negritude nas mídias. Este histórico se faz perceptível para as crianças não apenas pela invisibilidade no cinema em si, mas pela maneira como esse silenciamento se perpetua na manutenção de uma estrutura que desvaloriza pessoas negras a todo

o tempo - seja na forma como o nosso sistema educacional é estruturado ou na maneira como o branco é constituído como um "ideal de ser", até mesmo entre os infantos.

Por outro lado, enquanto, por muito tempo, a estrutura de dominação ditada pela branquitude teve como principal forma de fortalecimento a impossibilidade de pessoas negras questionarem esse sistema (levando-as a acreditar que o lugar a ser ocupado pela negritude realmente era um lugar de subalternidade), hoje, já observamos a construção de uma geração que questiona, que se posiciona de modo contrário a esta estrutura, ditada como unânime por tanto tempo.

Ademais, tornou-se notável que as representações da negritude no cinema indicam um caminho importante sobre a maneira como crianças e adolescentes criam suas percepções em torno da própria identidade. Enquanto a família e a escola ocupam um lugar relevante de repassar às crianças os seus valores e referências, os personagens de cinema provocam uma identificação que indica o lugar social que lhe é associado no discurso hegemônico da branquitude. Mas, por outro lado, enquanto expressão de potência e subversão, a sétima arte também pode participar deste cenário de forma ativa, no sentido de produzir inspiração, projeção e transformação nos valores e estruturas sociais.

REFERÊNCIAS

Almeida, S. S. M., Fernandes, S. C. S. & Nascimento, C. B. S. (2008). Análise do preconceito racial em uma amostra de crianças brancas de 5 a 8 anos de idade. *Psico*, *39*(4). https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1451.

Baldin, N. & Munhoz, E. M. B. (2011, 7 a 10 de Novembro). Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. [Apresentação de artigo]. *I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba. https://docplayer.com.br/1714932-Snowball-bola-de-neve-umatecnica-metodologica-para-pesquisa-em-educacao-ambiental-comunitaria.html.

Bezerra, D. S., Fernandes, S. C. S. & Santos, F. O. P. (2018). Relações entre

julgamento moral, racismo e empatia em crianças. *Cadernos de Pesquisa*, *48*(170). https://www.scielo.br/j/cp/a/J8s4R8cq7tRRYbTn75ZhTCN/.

Brasil. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. (2012). Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Conselho Nacional de Saúde - Normativas (saude.gov.br).

Brasil. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. (2016). Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Conselho Nacional de Saúde - Normativas (saude.gov.br).

Brasil. Resolução nº 674 de 06 de maio de 2022. (2022). Dispõe sobre a tipificação da pesquisa e a tramitação dos protocolos de pesquisa no Sistema CEP/Conep.Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Resolução 674 2022.pdf (saude.gov.br).

Bento, C. & Carone, I. (2002). *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Vozes.

Camino, C., Camino, L. & Leyens, J. P. (1996). Julgamento moral, emoção e empatia. *Coletâneas da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Psicologia (ANPEPP)*, vol. 6, 109-135.

De, J. (2005). *Dogma feijoada, o cinema negro brasileiro*. Imprensa Oficial.

Dornelles, W. S. (2019). *O que se cala: panorama da representação negra nas animações mainstream*. [Dissertação do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense]. Repositório Institucional da Universidade Federal Fluminense. https://app.uff.br/riuff/handle/1/15768.

Fanon, F. (2020). *Peles negras, máscaras brancas*. UBU Editora.

França, D.X & Monteiro, M.B. (2004). As novas expressões de racismo na infância. *Análise Psicológica*, *4*(22). https://core.ac.uk/download/pdf/295342456.pdf.

Giroux, H. A. (2001). *Os filmes da Disney são bons para seus filhos?* Civilização Brasileira.

Goffman, Erving. (1963). *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade*

Deteriorada. Coletivo Sabotagem.

Gomes, N. L. (2002). Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. *Revista Brasileira de Educação*, *21*(1). https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrxrHf5nTC7r/?lang=pt.

Gouveia, A. (2022, 15 de Setembro). Crianças negras se emocionam com representatividade em 'A pequena sereia'. *Correio Braziliense*. https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/09/5037120-criancas-negras-se-emocionam-com-representatividade-em-a-pequena-sereia.html.

Hall, S. (1997). *The work of representation.* Open University.

Hall, S., Hugues, H. & Khoury, Y. A. (2009). Raça, Cultura e Comunicações: olhando para trás e para frente dos estudos culturais. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, *31*(2). https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2308.

Mazzara, B. M. (1999). *Estereotipos y prejuicios*. Acento Editorial.

Menezes, W. (2003). O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola. *Cadernos de Estudos Sociais*, *19*(1). https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1311.

Oliveira, P. S. (2022). Cabelo Bom: Representações, Identidades e Pretagonismo no Cinema Infantojuvenil Brasileiro. *Confluenze. Rivista Di Studi Iberoamericani*, *13*(2), 130–157. https://confluenze.unibo.it/article/view/13389.

Piza, E. (1998). *O caminho das águas.* Imprensa Oficial.

Queiroga, L. (2018, 24 de Fevereiro). Jovem levará 210 crianças negras para ver Pantera Negra no Rio Grande do Sul. *O Globo*. https://oglobo.globo.com/brasil/jovem-levara-210-criancas-negras-para-ver-pantera-negra-no-rs-22429589.

Quijano, A. (2005). *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO.

Ribeiro, D. (2017). *Lugar de Fala*. Editora Jandaíra.

Santos, E. (2023, 21 de fevereiro). Lei que obriga ensino de história afro-brasileira completa 20 anos, mas está longe de ser realidade nas escolas, dizem especialistas. *G1*. https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/01/21/lei-que-obriga-ensino-de-historia-afro-brasileira-completa-20-anos-mas-esta-longe-de-ser-realidade-nas-escolas-dizem-especialistas.ghtml.

Santos, J. C. (2013). A quem interessa um "cinema negro?". *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, *5*(9), 98–106. https://abpnrevista.org.br/site/article/view/238.

Santos, W. O. Identidade negra, relações étnico-raciais na diáspora e o filme Pantera Negra: para uma discussão educacional. (2018). R*evista de Estudos Universitários - REU*, *44*(1), p. 69 - 89. https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/3275.

Severino, A.J. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico*. Cortez.

Silva, P. V. B. (2005). *Relações raciais em livros didáticos de língua portuguesa*. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Educar em Revista. https://www.scielo.br/j/er/a/9WTfQqxbc89PqWksQsK4xMv/?lang=pt.